

Aumenta suicídio de índio adolescente

Perda de identidade cultural provoca 74 mortes em dois anos

Sílvio Andrade e
Ronaldo Brasiliense

BRASÍLIA — A Fundação Nacional do Índio (Funai) envia hoje para Dourados, no Mato Grosso do Sul, o antropólogo Alceu Cotia e a psicóloga Maria Aparecida Costa Pereira que investigarão, durante um mês, a causa dos repetidos suicídios de índios adolescentes guaranis e caiuás. Nos dois últimos anos, 74 jovens, entre 14 e 18 anos, se mataram por enforcamento, seis deles nas duas últimas semanas. Condições de extrema miséria e estado depressivo profundo estão entre as razões apontadas para as mortes. “Um conjunto de fatores vem contribuindo para essa situação”, diz o superintendente-geral da Funai, Edizio Batistelli. “A limitação geográfica da área da reserva, onde estão 6.500 índios em apenas 3 mil hectares, pode estar agravando o problema.”

Na reserva indígena de Dourados estão concentrados 22 mil índios guaranis, caiuás e terenas, numa área de apenas 20 mil hectares — o que representa apenas 0,91 hectare por índio. As famílias, que têm em média seis pessoas, cultivam apenas 0,46 hectares, com produção insuficiente até mesmo para garantir a própria alimentação. “Eles vivem como bóias-frias”, reconhece Batistelli. “Há uma desagregação social muito grande e esse estado de coisas precisa ser contido.”

O estado de depressão dos jovens índios é tão grande que motivos fúteis como uma discussão com a namorada os levam ao

suicídio, geralmente pendurando-se a uma corda ou ao cinto da calça em uma árvore. A perda da identidade cultural é outro fator citado, pois o centro urbano de Dourados dista apenas dois quilômetros da superpovoada reserva e os jovens são levados à prostituição, ao álcool, às drogas e até ao trabalho escravo em destilarias. O índio perde até o domínio da própria língua. “Os jovens sentem mais a influência do branco e se abatem porque não sabem como falar com os índios mais velhos, que poderiam aconselhá-los”, analisa a estudante terena Edna Silva de Sousa, 31 anos, que cursa História na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

O choque cultural com a cidade é o ponto crucial na opinião de Edna, filha do líder terena Marçal de Sousa Tupan-Y, assassinado em 1983 por fazendeiros. Ela culpa também a proliferação de igrejas pelo desvirtuamento da cultura indígena. “Os jovens saem da reserva para estudar a língua do branco, não conseguem se adaptar, mas não voltam para a aldeia, passando a viver como bóias-frias nas destilarias de álcool ou a mendigar pelas ruas”, diz Edna.

“As áreas indígenas mais distantes dos centros urbanos apresentam melhores condições de vida”, constata o coordenador do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) em Dourados, Aquilas Paulus. “Nas reservas menos povoadas os casos de suicídio são bem menos numerosos.” Paulus afirma que não é preciso muito estudo para explicar a grande incidência de mortes por suicídio: “O índio precisa de terra e de respeito por sua cultura para sobreviver”. Na reserva de Dourados, segundo ele, ocorre uma frustração profunda entre os jovens que deixam a aldeia e não encontram apoio na cidade. “A Funai se omite, eles se desespe-

ram e não vêem outra saída senão a morte, pois já carregam no sangue esse sacrifício como um ato heróico.”

Nas cultura dos caiuás, terenas e guaranis, uma índia está preparada para o casamento aos 12 anos, mas hoje começam a se prostituir nessa idade. A enfermeira Ester Camilo, do Hospital da Missão Evangélica Caiuá, atendeu muitos casos de estupro. “Estas índias voltam traumatizadas para a aldeia, onde passam a sofrer também uma certa rejeição”, diz ela. “Então, se matam ou se prostituem.” Segundo o Cimi, os suicídios são mais numerosos entre as mulheres. Os homens representam 35% dos casos. “Antes de se suicidarem, os jovens ingerem muita bebida alcoólica”, afirma a enfermeira. O capitão da aldeia, Aílton de Oliveira — o *Biguá* —, confirma as declarações de Ester, acusando funcionários da Funai de manterem pontos de venda de bebida dentro da reserva.

A Funai estuda a possibilidade de fazer um reexame fundiário das nove áreas indígenas guaranis. “O erro é ainda da época do general Rondon”, constata Edizio Batistelli, revelando que a Funai registrou 24 suicídios em 1990 entre os guaranis. “Houve várias tentativas que não foram consumadas”, explica.

Ontem, em Cuiabá, o presidente da Funai, Cantídio Guerreiro Guimarães, promoveu reunião com os superintendentes da Funai na região, com a presença de representantes da Polícia Federal, montando operação para desalojar centenas de garimpeiros e madeireiras que invadiram ilegalmente as reservas indígenas Uru-Eu-Wau-Wau, Carupuna e Zoró, nos estados de Rondônia e Mato Grosso.

FONTE :

JB

DATA : 08/01/91

CLASS. :

665

PG. :

6